

# Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo<sup>1</sup>

*Malu Fontes\**

Este artigo aborda os processos sociais e estéticos de (re)significação do corpo experimentados ao longo do século XX, em cujo crepúsculo emergiu a corporeidade considerada como canônica no âmbito desta análise. O corpo canônico herdado pelo século XXI e caracterizado pela publicização ostensiva nos meios de comunicação de massa tem como ilustração midiática exemplar o corpo feminino idealizado e submetido a técnicas e práticas embelezadoras e transformadoras da aparência e da anatomia. O artigo aborda os contextos sociais, históricos e culturais em que se deu a emergência do culto ao corpo e a construção do corpo canônico contemporâneo.

Corpo canônico; culto ao corpo; corpo dissonante.

This article discusses the social and aesthetic processes of (re)signification of the body throughout the twentieth century, and the body form considered canonical at the end of that period. The canonical body inherited by the twenty-first century is characterized by display in the mass media, as illustrated by the way the female body is idealized, submitted to beautifying techniques and practices that transform appearance and anatomy. This article discusses the social, historical and cultural context from which the cult of physical fitness and the building of the contemporary canonical body emerged.

Canonical body; cult of the body; dissonant body.

---

\*Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia; professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e pesquisadora associada da ONG ANIS — Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. maluzes@uol.com.br

Este artigo aborda os processos sociais, históricos e culturais de (re)significação do corpo experimentados ao longo do século XX e analisa a presença e as características de um padrão físico considerado como ilustrativo da corporeidade canônica contemporânea. Publicizado exaustivamente nos meios de comunicação de massa e tido como desejável e sinônimo de beleza, saúde e bem-estar, o corpo canônico vigente é, em essência, resultado de um conjunto de investimentos em práticas, modos e artifícios que visam a alterar as configurações anatômicas e estéticas das formas físicas.

Nos limites deste texto, essa corporeidade é ilustrada pelo corpo feminino idealizado, vigente nos discursos midiáticos, sobretudo no discurso publicitário. Os elementos que norteiam o corpo canônico são, grosso modo, aqueles relacionados à juventude e ao vigor e buscam a construção de uma corporeidade que reverencia exacerbadamente a potencialização da força e beleza. O corpo canônico que emerge no final do século XX se caracteriza pela adoção de um conjunto de técnicas e estratégias que vão desde os exercícios físicos às cirurgias plásticas estéticas, passando por dietas, consumo de produtos cosméticos e determinados estilos de vestuário.

O fato de o corpo feminino idealizado e exaustivamente publicizado pelos meios de comunicação de massa ser considerado, no âmbito da análise proposta neste artigo, como ilustrativo da imagem do corpo canônico, ao invés do corpo masculino ou do corpo infantil/adolescente, por exemplo, deve-se à adoção de uma perspectiva apriorística de que as mulheres situam-se em um *locus* potencializado de vulnerabilidade diante das mensagens publicitárias. No que se refere às estratégias discursivas sobre o corpo nos meios de comunicação de massa, são justamente as mulheres, sobretudo as jovens e urbanas, os objetos preferenciais.

O corpo canônico ao qual este texto se refere é o corpo tido e apresentado como desejável nos meios de comunicação, muitas vezes transformado em mero simulacro espetacular da imagem do que seria o corpo ideal. Tal reiteração é fundamental, tendo em vista o fato de que, em outros cenários sociais, o corpo canônico pode, inclusive, ser dissonante em relação ao corpo canônico midiático ao

qual esta abordagem se refere. Em princípio, entre os adeptos de determinadas práticas religiosas e alimentares ditas alternativas, por exemplo, jamais seria visto como canônico o corpo adulterado pelo uso de substâncias químicas capazes de redefinir e inflar a musculatura, ou mesmo o corpo submetido a procedimentos invasivos, como a cirurgia plástica e a lipoaspiração.

É importante ressaltar ainda que os padrões que hoje definem o corpo canônico da mídia são passíveis de alterações ao longo do tempo. Um exemplo disso é a tendência estética atualmente predominante no Brasil. Especialmente a partir da década de 80, tornou-se sinônimo de beleza e sensualidade femininas ostentar seios grandes à custa de implantes de próteses de silicone. No entanto, até pouco antes disso, seios fartos eram tidos como uma característica desejável típica do corpo das *pin-ups* da cultura dos Estados Unidos, pouco admirada no cenário brasileiro. Em termos de apelo sexual, o seu equivalente, no corpo da mulher brasileira, eram quadris largos, cintura fina, glúteos generosos e busto pequeno.

Este artigo está inserido no conjunto de uma análise mais global que teve como objeto uma tese de doutorado que se propunha a articular um problema: a complexidade de viver e afirmar-se individualmente e socialmente em um contexto cultural marcado por uma corporeidade. Como elemento de ilustração dessa dificuldade, utilizei a experiência de mulheres que se transformaram em deficientes físicas em virtude de um acidente ou doença.

A idéia nuclear da tese era analisar a seguinte perspectiva: se, de um modo geral, para os indivíduos cujos corpos são tidos como normais, já é complexo identificar-se com a corporeidade canônica, para as pessoas cujos corpos são potencialmente dissonantes dos padrões físicos e estéticos vigentes a cultura produzida pelos meios de comunicação de massa acabaria por funcionar como um elemento acentuador de angústia. Uma angústia identitária causada, em tese, pelo sentimento de não pertencimento e assemelhamento físico às referências corporais tidas como socialmente desejáveis.

Para a compreensão do sentido da corporeidade canônica da cultura de massa é fundamental esboçar o percurso do estatuto do

corpo no Ocidente até a sua elevação a elemento de culto e investimento de afeições simbólicas, o que permite situar o conjunto de transformações sociais e políticas que possibilitaram a retirada do corpo do lugar de objeto praticamente clandestino e o conduziram ao *status* de elemento fundador da subjetividade e da identidade social na esfera pública.

O fenômeno do culto ao corpo parte de um estágio em que o corpo é demonizado, escondido, fonte de vergonha e pecado e culmina com o corpo das academias e sua explosão de músculos, atingindo seu grau máximo de ilustração com a emergência e a multiplicidade das estratégias de *body-building*<sup>2</sup>, as cirurgias estéticas, os implantes e a profusão de técnicas médicas, químicas, cosméticas e de vestuário.

O espaço privilegiado para a análise do corpo canônico é a cena midiática, incluindo o discurso da televisão, dos meios de comunicação em geral e especialmente da publicidade, sobretudo aquela voltada para o público feminino, comumente ancorada na valorização da beleza, da juventude, da sensualidade e da boa forma física. A corporeidade canônica é caracterizada como aquela que recorre à adoção voluntária de um conjunto de práticas, técnicas, métodos e hábitos que têm como firme propósito (re)configurar o corpo biológico, transformando-o em um corpo potencializado em seus aspectos estéticos e em suas formas de gênero: grosso modo, homens musculosos e mulheres de seios volumosos e curvas definidas.

O descortinamento corporal foi, em larga medida, respaldado pelo avanço médico e científico, que contribuiu de maneira decisiva para a exposição do corpo e para a sua transformação em objeto de investimento de técnicas de reformulação:

(...) desde a Renascença, o corpo do homem vem sendo progressivamente desvelado. Primeiro foi a pele, em seguida outras camadas, chegando-se aos músculos e tendões. Por fim, o crânio é aberto, pondo a nu o chamado "órgão da alma", "regulador central dessa máquina de ossos e músculos". O desenvolvimento das artes mecânicas abre-se para o mito do homem artificial, inspirado no homem-máquina de La Mettrie. Vaucanson constrói "anatomias moventes", reproduções mecânicas da respiração, da digestão, movimentos do corpo e

até mesmo do mecanismo da circulação do sangue. Merleau-Ponty chega a evidenciar uma coincidência de interesses, no século XVII, entre o autômato, nas experiências científicas, e a perspectiva, nas artes: tanto o autômato como a perspectiva davam a ilusão de realidade. Depois de muitas experiências na anatomia, os séculos XIX e XX são dominados pela teoria celular na biologia e pela patologia celular na medicina. Por fim, a ciência decifra o código genético, e o século XXI entra de maneira irreversível nas biotecnologias. (...) Tudo caminha — principalmente o corpo — para o artifício. (...) observamos o início de uma substituição do Ser e de suas experiências de vida -, isto é, da antiga relação, em nós, da natureza e do espírito (espírito entendido como inteligência, potência de transformação) — por mecanismos implantados em nós (Novaes, 2003:8).

Ao longo do século XX, o estatuto do corpo nos espaços público, privado, político e social experimentou mudanças radicais. Embora o início dos processos de redefinição dos espaços e papéis do corpo no século remonte ao período entre as duas grandes guerras mundiais, a transformação da relação dos indivíduos com o próprio corpo consolida-se verdadeiramente na segunda metade do século XX, muito em consequência do fluxo de mudanças de paradigmas decorrentes da reconfiguração do mapa geopolítico do mundo após a Segunda Guerra.

Amplamente interpretada por alguns pensadores e transformada tanto em teses apocalípticas que apontavam, inclusive, para o fim da história (Fukuyama, 1999), quanto considerada como elemento definidor, em si mesmo, de um século chamado de breve (Hobsbawen, 2000)<sup>3</sup>, a redefinição do mapa geopolítico mundial no pós-guerra é um elemento central quando se trata da emergência dos valores que definem a cultura contemporânea.

O fato é que o fim da bipolarização do mundo levou a uma alteração profunda dos parâmetros sociais e filosóficos que até então norteavam a sociabilidade do século XX. O mundo que prevalecia era marcado pela existência das chamadas metanarrativas, pelos grandes paradigmas, pressupostos assertivos com pretensões de definitivos, cuja construção tinha como base a epistemologia estruturalista-racional, caracterizada por perspectivas e discursos totalizantes e abrangentes da sociedade e da história, visões que pressupunham a crença absoluta e incondicional nos poderes da razão e da ciência.

Com o esfacelamento das metanarrativas e, conseqüentemente, dos referenciais políticos, filosóficos e ideológicos prevalecentes até então e que lhes asseguravam sustentabilidade, entram em crise, para não mais sair dela, os grandes discursos unificadores, os metadiscursos legitimadores que mediavam a adesão dos indivíduos a causas e projetos coletivos (Sfez, 1996: 7-8). Neste contexto, órfão dos grandes ideais e das certezas que norteavam a humanidade, o homem é estimulado a voltar-se para o individualismo, para a própria imagem, para o culto ao próprio corpo, último reduto de apego, fidelidade e adoração.

O culto de si constitui um fenômeno de mutação sociológica global, chamado por Gilles Lipovetsky de individualismo contemporâneo, caracterizado por uma nova forma de sociabilidade, regida pelo estímulo incessante de novas necessidades, amplificadas a partir da Segunda Guerra: "(...) o imaginário rigorista da liberdade (...) desaparece, dando lugar a novos valores que visam a permitir o livre desenvolvimento da personalidade íntima, legitimar a fruição, reconhecer os pedidos singulares, modular as instituições de acordo com as aspirações do indivíduo" (Lipovetsky, 1983: 9).

Ainda segundo a ótica de Lipovetsky, o ideal moderno de subordinação ao individual promoveu uma pulverização das regras racionais até então vigentes. O imperativo contemporâneo ancorou-se em um valor agora fundamental: o da realização pessoal. Se antes o direito à liberdade circunscrevia-se à ordem da economia, da política e do saber, agora se estende à esfera dos costumes, do cotidiano e dos detalhes ínfimos da vida privada. Embalado nessa mutação histórico-existencial, tendo como pressuposto o fato de que as ideologias do passado estavam mortas, a própria saúde, agora sinônimo de boa forma física, passa a se impor como praticamente o único e exclusivo projeto mundial:

Assistimos ao esgotamento dos mitos e de suas promessas. As esperanças dos amanhãs que cantam caducou e passou. Perdemos essa ilusão e queremos voltar ao essencial, à substância da nossa vida. Nada mais básico do que o impulso de pedir ao tempo que pare, de buscar a eterna juventude, a fonte da

cura e da formosura. E aí entra a “saúde perfeita”, impondo-se como o grande, o único projeto mundial, a imagem do eterno retorno e da eterna permanência, da fusão com o grande todo, em protesto contra a fragilidade de nossa condição humana e social; contra o fracasso da história (Sfez, 1996: 8-9).

Em um panorama social e político instável, os meios tradicionais de construção e afirmação das identidades, como a família, a religião, a escola e a política, tornaram-se frágeis, fazendo com que indivíduos e grupos passassem a recorrer à apropriação do próprio corpo, transformando-o em principal meio de expressão na cena social (Goldenberg, 2002: 20-21) e voltando a atenção para a própria saúde, o que passou a se constituir em um mecanismo de substituição das ideologias mortas.

Essa nova ideologia, caracterizada pelo hedonismo e pela adoração a si mesmo, ou melhor dito, pela corpolatria<sup>4</sup> — a idolatria à forma física do próprio corpo — já estaria prevista, segundo alguns historiadores, na própria ordem fundante do sistema capitalista: “esta sociedade, formada por um conjunto de indivíduos egocentros sem outra conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação (o lucro, o prazer ou seja lá o que for), estava sempre implícita na teoria capitalista” (Hobsbawn, 2001: 25).

Antes mesmo de ser redefinido pelas transformações de ordem geopolítica, o processo de mudança na relação dos indivíduos com o próprio corpo já vinha sendo significativamente estimulado pelo fenômeno da reconfiguração do mundo objetivo e do mundo sensível efetuada progresso tecnológico e científico. Os diferentes valores que passam a prevalecer nas relações dos indivíduos com seus próprios corpos florescem em consequência das mudanças incorporadas à atividade humana, decorrentes do uso disseminado, a partir do século XVIII, dos chamamos objetos técnicos (Simondon, 2001) no cotidiano, tanto nas esferas públicas como privadas.

(...) o uso de cueiros justos para os recém-nascidos ou de espartilhos para as mulheres, feitos mais para vestir o corpo máquina do que para cuidar. (...) o corpo não mais vai ser a sede de um mecanismo, mas de um processo. A vontade de conhecer transformou o mundo, e o homem tornado sujeito representa-o enquanto consciência exterior. Descartes, no Discurso do Método, coloca a medicina no primeiro lugar das técnicas que podem tornar o homem hábil e

sábio. Assim, o lugar do corpo mudou, já não é um objecto de conhecimento subordinado a uma ordem natural. Conquistou as suas cartas de nobreza ao ser considerado como um elemento de progresso, segundo uma óptica histórica (Braunstein, 2001: 123-124).

Pode-se dizer que, de modo panorâmico, ao longo do século XX, o corpo passa por três estatutos culturais básicos: **o corpo representado**, visto e descrito pelo olhar do outro, da igreja, do estado, do artista; **o corpo representante**, um corpo ativo, autônomo quanto às suas práticas, consciente do seu poder político e revolucionário, porta-voz do discurso de uma geração, contestador, sujeito desse próprio discurso e agente propositor e defensor de reformas que vão da sexualidade à política; finalmente, **o corpo apresentador de si mesmo**, aparentemente a serviço de uma cultura que se pauta pelo efêmero e pelo imediato, caracterizado como porta-voz de forma e não de conteúdos. Trata-se do corpo reconstruído à base de cirurgias plásticas e implantes de substâncias químicas e que busca incessantemente apagar da pele as marcas biológicas do tempo, ao mesmo tempo que inscreve na forma física os sinais da corpolatria. Este corpo é, em si mesmo, o próprio espetáculo.

O corpo que assiste ao nascimento do século XX é um corpo que predominantemente se presta a ser **representado**. Um corpo pouco passível de se transformar em agente de sua própria história e encenar seus próprios modos de apresentação no espaço público, um corpo cuja saída de cena é tragicamente ilustrada pela marcha humana passiva rumo às câmaras de gás nazistas, que fecham de maneira trágica a primeira metade do século passado. Dessa condição de representado, passa-se, na segunda metade do século, ao corpo representante, a uma corporeidade cultural agente de si mesma e que tem seu período áureo a partir da década de 60, com as manifestações políticas, musicais, pacifistas e em defesa da revolução sexual e da contracultura, ilustrada pelo movimento hippie e pela juventude norte-americana em luta contra a guerra do Vietnã.

Os anos 80 assistem a uma nova transformação cultural. O desencanto político dos anos 70, alimentado pelos anos de prevalência da guerra fria, parecia ter produzido uma geração apática,



vítima dos efeitos do desencantamento do mundo e dos desejos incensados pelos revolucionários anos 60 e suas promessas e expectativas, não cumpridas e não realizadas, de um mundo livre, solidário e pacífico. Emerge nos anos 80 o corpo porta-voz desse desencantamento e, tal qual um narciso que substituiu o lago pelos espelhos gigantescos das academias e dos shopping centers, surge um indivíduo encantado consigo mesmo, com o brilho efêmero das tendências da moda, com o volume dos músculos e o vigor físico-corporal potencializado pela maratona de sessões de aeróbicas, pela alimentação saudável ou mesmo pela ingestão de suplementos químico-alimentares.

Mas é justamente nos anos 80, com o fim da guerra fria e a emergência absoluta do poderio econômico, militar e cultural dos Estados Unidos e sua influência sobre o mundo ocidental, que se consolidam os princípios do capitalismo liberal, caracterizado, basicamente, pela redução dos papéis do Estado e ampliação do poder econômico dos grandes conglomerados financeiros, replicados em todo o mundo. Os anos 90 nascem sob a marca da velocidade e do automatismo dos fluxos transnacionais de capitais e de informações. É o tempo da consolidação da rede mundial de computadores, a Internet. Nesse contexto, as políticas e técnicas corporais também passam por um vertiginoso processo de automatismo quanto às mudanças morfológicas, que se tornam mais rápidas, até mesmo imediatas, sem necessidade de tempo de espera. O jogging é superado pelo bisturi.

Os resultados antes obtidos apenas graças à frequência à academia de ginástica parecem não mais atender às necessidades de mudanças imediatas que se deseja para a remodelagem do próprio corpo. Triunfa o papel da medicina e dos cirurgiões plásticos, assegurando transformações mediante uma simples passagem por mesas cirúrgicas que, nesse contexto, adquirem o *status* de cenários mágicos nos quais se entra com um corpo e se sai com outro completamente esculpido, um corpo adequado aos parâmetros traçados pela cultura vigente e moldado ao sabor dos desejos daqueles que podem pagar pela reengenharia da própria estrutura corporal.

## O corpo canônico

A idéia de corpo canônico é considerada, nesta análise, como equivalente a uma determinada corporeidade físico-anatômica predominante na cena sócio-cultural contemporânea e corresponde a um modelo de construção da identidade e da imagem próprio das últimas décadas do século XX. É sinônimo do modelo corporal marcado pelo culto à chamada boa forma física, o corpo standartizado onipresente nos meios de comunicação de massa.

A multiplicidade de técnicas e mecanismos de aperfeiçoamento da chamada boa forma corporal emergiu com mais vigor a partir da década de 80, basicamente com os modismos das atividades físicas regulares, como o jogging e a aeróbica. O projeto de autoconstrução de um corpo canônico tem início quando o indivíduo opta pela adesão e submissão voluntárias a um conjunto de práticas que visam a alterar, aperfeiçoar, corrigir e reconstruir o corpo dito natural, no sentido de potencializá-lo em saúde, disposição, força física e sobretudo em beleza e harmonia das curvas, volumes e formas. O corpo canônico contemporâneo é, em sua essência, uma tentativa ininterrupta de negação dos efeitos do tempo e da depreciação causada por ele.

(...) todas essas técnicas de gerenciamento do corpo que floresceram no decorrer dos anos 80 são sustentadas por uma obsessão dos invólucros corporais: o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido; uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima (Courtine, 1995:86).

Esse conjunto de práticas abrange uma série de técnicas e investimentos de vários campos, como a medicina (tanto a medicina estética quanto a clínica, com as cirurgias de redução de estômago, cada vez mais popularizadas entre as pessoas com sobrepeso); a farmacologia (drogas emagrecedoras e rejuvenescedoras); a nutrição (os complexos alimentares e vitamínicos, as dietas e o surgimento de alimentos de baixo teor calórico), além, é claro, do culto à forma

física nas academias e no ambiente doméstico ou público, com o acompanhamento de um novo profissional específico produzido por essa cultura da corporeidade canônica: o *personal trainer*.<sup>5</sup>

O corpo canônico é, então, o corpo resultante da soma desses diferentes tipos de investimento, um corpo construído ou alterado mediante práticas, métodos e artifícios que emergiram ou foram aperfeiçoados ao longo de todo o século XX e que tem na mídia o seu mais poderoso instrumento de divulgação e disseminação. É através do complexo de mídias que essa modalidade de forma física se dissemina e se publiciza, seduzindo e conquistando adeptos em todas as classes sociais, guardadas as devidas proporções entre os diferentes níveis de adesão, regulados pelo poder aquisitivo de cada um.

O corpo canônico é um corpo que tem suas origens no corpo medicalizado, higienizado e elevado à categoria de agente de sua própria saúde, corpo este que vem sendo construído paulatinamente, desde o início do século XX. Um corpo sustentado por um projeto de beleza, prolongamento da juventude e espetacularização das suas formas, exploradas midiaticamente como elementos identitários, sobretudo no cenário brasileiro, onde, todo o tempo, se referencia e se reverencia a sensualidade dos traços corporais da mulher e do homem, associando-os à sexualidade dos trópicos.

No que diz respeito à adesão ao padrão corporal canônico, voluntariamente construído, o Brasil assume uma posição de destaque no cenário mundial. O brasileiro é, entre os povos do mundo e em números absolutos, aquele que mais realiza cirurgias plásticas estéticas (Oyama, 2000: 90-94). A condenação dos indivíduos por sua não adesão a projetos de construção de uma corporeidade canônica fica evidente até mesmo nas formas que os economicamente excluídos adotam para inscrever-se no cenário cultural.

Diante da percepção de que a sociedade de consumo tangencia, organiza e orienta, em uma dimensão social, as experiências individuais, os jovens pobres buscam, através do corpo, estabelecer publicamente um discurso da altivez. Sobre esse assunto, a psicanalista Maria Rita Kehl argumenta:

Os corpos que não se inserem na marcação social do tempo ficam fora da história. (...) Observem o que se passou, de uns vinte anos para cá, com os corpos dos jovens pobres no Brasil. São corpos muito diferentes do que foram os corpos de seus pais e de seus avós, tão pobres como eles, tão desamparados como eles, provavelmente tão negros — pois a grande maioria dos pobres brasileiros é de origem negra — como eles. No entanto, de duas ou três décadas para cá, os corpos dos jovens pobres brasileiros não se distinguem, a não ser pela cor da pele, dos corpos dos jovens da elite. Não são mais corpos humilhados, cabisbaixos, submetidos. Não são os corpos tristes, humildes e feiosos dos pobres que eu via na minha infância. Até mesmo na fome e na privação, os jovens pobres de hoje ostentam corpos altivos, belos, erotizados. O que diferencia sua postura da de um playboy, que é como eles chamam os jovens de classe média, é a dose a mais de agressividade no olhar que nos encara. São corpos que ostentam o que a cultura do rap chama de "atitude": um orgulho da raça, um ar desafiador, uma postura de quem não deve e não pede favor para ocupar seu espaço. Em parte, essa recente erotização de todos os corpos é efeito da produção de imagens, efeito da cultura da publicidade e da televisão, que apela, sim, a que todos os corpos sejam belos, sensuais, sadios, desejáveis (Novaes, 2003: 246).

Como visto acima, é fundamental evidenciar que a idéia de corpo canônico não equivale, necessariamente, a beleza física. O corpo idealizado, configurado conforme os parâmetros que podemos considerar como de boa forma, é, antes de ser um corpo bonito, um corpo (re)construído a partir de um conjunto de discursos, práticas e procedimentos de várias naturezas que visam a torná-lo culturalmente adequado, capaz de atender às exigências de uma corporeidade supostamente considerada ideal.

O corpo ideal, antes de ser belo, deve ser sinônimo de não gordo, saudável (em oposição ao corpo portador de algum distúrbio patológico), submetido voluntariamente a exercícios, medicamentos, tratamentos e até mesmo incisões cirúrgicas radicais. Embora haja uma diferença de significação entre os discursos midiático, médico e científico em torno do corpo canônico da sociedade de consumo (saudável para os dois últimos, belo para o primeiro), todos objetivam o mesmo propósito: convencer o indivíduo a retirar o corpo do domínio da natureza e submetê-lo a artifícios técnicos visando a melhorá-lo, potencializá-lo e canonizá-lo como tal:

As solicitações contemporâneas para que os indivíduos modifiquem a sua aparência, na tentativa de se adaptar aos padrões midiáticos, envolvem as pessoas no culto ao corpo (...). Os sujeitos são convidados a perseguir o corpo

ideal, sempre presente nos meios de comunicação, especialmente pela moda e publicidade - razão econômica de ser da mídia, seu braço direito de veiculação de modelos corporais e de beleza a serem apreciados e produzidos no cotidiano (...). Cuidar mais de si mesmo é um valor soberano que está na ordem do dia. A exibição contínua e flutuante de tipos físicos idolatra a vitalidade e a jovialidade, anuncia técnicas e métodos de remodelagem anatômica e mobiliza multidões com promessas extraordinárias e exemplos de sucesso, muitos deles baseados no prolongamento da juventude, no revigoramento físico e em uma vida de prazeres imediatos (Couto, 2000: 135).

Em um cenário marcado pelo hedonismo em torno de uma imagem cosmetizada e fetichizada, impregnada de conotações eróticas, sedutoras, sexuais, sensoriais e sensuais, o corpo tido como desejável é um corpo-moeda, a um só tempo produto e objeto de compra e venda, um instrumento de produção e reprodução de sentidos e identidades, uma vitrine móvel a ser continuamente reformulada e copiada:

Numa sociedade em que as relações sociais são antes de tudo utilitárias, a conformidade com o ideal de beleza é um valor de mercado como outro qualquer, e encontramos aqui mais uma vez a metáfora do corpo como moeda, um fetiche que se vende, se constrói e se dá como um sinal que circula tanto no consenso dos brasileiros quanto nas retóricas repetidas pela mídia, tanto nos bastidores da vida social quanto nos palcos (Goldenberg, 2002: 120).

Assim sendo, todo corpo que não se ajusta a esse projeto médico e cultural de uma corporeidade-moeda e hedonista tende a ser classificado como um corpo dissonante, um corpo in-válido, não válido quando comparado e confrontado com a lógica da boa forma e do vigor físicos. O corpo dissonante, ou seja, aquele que não adere aos artifícios de reformulação e adequação da aparência tende a despertar reações de estranhamento e até mesmo de repulsa. Na cultura contemporânea, o que não é desejável quase sempre é assustador.

Quando exibida nos meios de comunicação de massa e inscrita sob o rótulo de ficção, a dissonância – seja ela traduzida pela obesidade, pela velhice, pela deficiência física ou por quaisquer limitações de ordem física, tende a se tornar espetacular por aquilo que representa de grotesco, seja na tela da TV, do cinema ou nos vídeo-clips. Quando transposta para o real, traduzida como a obesidade excessiva

ou como o corpo mutilado de quem perdeu membros e funções, por exemplo, a dissonância é comumente transformada em mal-estar e vista com rejeição por parte do outro com o qual se confronta.

Sistematicamente mantido fora da pauta de discursos e imagens da cultura de massa, o corpo dissonante é um corpo ausente dos discursos culturais e, uma vez que, conforme afirma a psicanalista Maria Rita Kehl, os corpos são definidos ou alterados pelo efeito do que se diz sobre eles, esse silenciamento sobre os corpos não harmonizados com o projeto canônico cronifica o seu estatuto de dissonante:

Nossos corpos não são independentes da rede discursiva em que estamos inseridos, como não são independentes da rede de trocas — trocas de olhares, de toque, de palavras e de substâncias — que estabelecemos. [...] Se a comunidade em que o sujeito vive, única referência capaz de confirmar a sua existência, o reconhece como morto, ele se desorganiza subjetiva e também fisicamente. A integridade do corpo físico não resiste à dissolução da personalidade social (Novaes, 2003: 247).

O corpo dissonante, exemplarmente ilustrado pelo corpo de pessoas deficientes físicas, só é atrativo e consumível na cultura de massa quando apresentado sob a configuração de espetáculo ou denúncia. Quando naturalizado e exibido sem artifícios, reduz-se a objeto causador de estranhamento e rejeição, por representar a negação ameaçadora do desejo de sedução e aceitação. Ao falar do medo dos monstros, explorado pela cultura de massa, Cohen explica a atração pelas monstrosidades produzidas pela cultura de nosso tempo e, ao fazê-lo, justifica, embora de modo transversal, a nossa repulsa pela monstrosidade física real:

Nós vemos o monstruoso espetáculo do filme de terror porque sabemos que o cinema é um lugar temporário, que a vibrante sensualidade das imagens de celulóide serão seguidas pela reentrada no mundo do conforto e da luz. Da mesma forma, a história na página à nossa frente pode aterrorizar (pouco importa se ela aparece na seção de notícia do jornal ou no último livro de Stephen King), desde que estejamos seguros por sabermos de seu fim próximo - o número de páginas em nossa mão direita está diminuindo — e de que logo estaremos livres dela (Cohen *apud* Silva, 2000b: 49).

Para fugir da mais leve associação com a monstrosidade real, que adviria da obesidade ou velhice, recorre-se aos cada

vez mais sofisticados e eficientes processos visando à construção de um corpo canônico. Desse modo, a sociedade do consumo acaba por conduzir à condição de rejeitados os corpos que não se ajustam ao perfil da corporeidade vigente. Têm-se, então, de um lado, os ídolos e seus corpos idealizados e, de outro, os corpos indesejáveis: os corpos velhos, obesos, flácidos ou com limitações de qualquer ordem.

Ambas as condições, a idealização e a dissonância, inscrevem-se no corpo físico, seja sob a perspectiva da medicina ou dos meios de comunicação de massa. Assim, os corpos dissonantes, na sociedade de consumo, tendem a se aproximar do lugar de uma monstruosidade estética, diante de cujas formas o indivíduo, cada vez mais situado no papel de consumidor, dificilmente buscará identificação.

Ainda no campo das diferenças dos discursos, vale ressaltar que o sistema de mídias, embora tenha compromissos com o real, também tem, e em muito maior escala, com a fantasia e o desejo. Já a ciência e a medicina, apesar da morte das meta-narrativas e da emergência da idéia de que a objetividade científica não passa, ela também, de um mito, estão, ao contrário, ainda completamente fundadas no imaginário ocidental como sinônimos de verdade. Diante da imagem de um corpo ideal exibido na mídia e da imagem de um corpo preconizado pela ciência e pela medicina como saudável, a segunda imagem associa-se à negação da morte e da doença, ou seja, vincula-se à saúde, enquanto a primeira vincula-se à beleza e à sedução. A imagem do corpo ideal construída pela medicina moderna apela para o aprimoramento e a sobrevivência da espécie; a imagem do corpo idealizado da mídia visa à sedução e à conquista do outro, em níveis sociais e sexuais.

Os dois discursos, sobretudo quando complementados, conduzem o corpo considerado imperfeito ao seu devido lugar em nossos dias: o lugar da exclusão, da rejeição e da invisibilidade. Têm-se, assim, de um lado os ídolos e de outro os indesejados. Ambas as categorias, ou seja, a idolatria e a rejeição estão inscritas no corpo físico, tanto para a ciência e para a medicina quanto para a mídia. Os indesejados e rejeitados ocupam o lugar de monstros corporais

mediáticos, assustadores em suas formas dissonantes que o espectador jamais imaginará como sendo também a sua forma.

Se considerarmos como uma ilustração do corpo dissonante o corpo deficiente, vale ressaltar que esse tipo de corporeidade jamais foi tido como natural ou desejável, em qualquer espaço temporal ou simbólico, diferentemente do que já ocorreu com o corpo obeso, por exemplo. Embora as sociedades modernas não admirem a gordura e os gordos, historicamente a gordura nem sempre foi vista do modo como foi ao final do século XX e neste início do século XXI. Há registros do sobrepeso associado à saúde, prosperidade e respeitabilidade, ao passo que a magreza já foi tida como sugestiva de sinais de pobreza, má alimentação, doença, definhamento e até mesmo associada aos símbolos da morte e da maldade. Em relação à deficiência física, os seus arquétipos, sejam na história, na religião, na mitologia e na literatura, sempre se referiram ao deficiente como o indesejado e o maldito.

Alguns autores ressaltam, inclusive, que os substratos mitológicos da deficiência na história ocidental, desde os relatos bíblicos, são recorrentemente relacionados à trajetória dos vencidos. Adão e Eva são considerados como uma espécie de nossos antepassados deficientes da existência eterna, arquétipos bíblicos da deficiência existencial, inválidos da eternidade paradisíaca. Nessa mesma linha de interpretação dos arquétipos da deficiência na cultura ocidental, a mitologia grega apresenta Prometeu, deficiente motor, pregado no rochedo, por prometer aos homens o progresso tecnológico graças ao fogo roubado dos deuses:

Que espelho podemos tomar como arquétipo do deficiente? (...) Dessa perspectiva, temos que levar em conta substratos mitológicos da história ocidental; por exemplo, sedimentos bíblicos dos quais poderíamos dizer que fazem aparecer nossos antepassados Adão e Eva como deficientes da existência eterna, coisa que, depois deles, todos somos, uma vez que somos mortais. A mitologia grega também nos apresenta (...) o arquétipo de deficiente. Prometeu, deficiente motor, uma vez que pregado no rochedo (...) (Bavcar, 2003: 175).

Há ainda os deficientes concretos da história, desde os filhos mal nascidos dos espartanos, atirados contra os rochedos quando



portadores de algum sinal corporal imprevisto, até as vítimas mutiladas das guerras e do progresso tecnológico da revolução industrial. Entretanto, o que diferencia a alteridade do corpo deficiente no passado e na sociedade contemporânea é a multiplicidade de outros com os quais ele se depara e compara no dia-a-dia. O outro do corpo deficiente do passado tendia à convivência em um universo extremamente restrito, geralmente reduzido à própria família. Hoje, o outro da deficiência é um sistema de mídias no qual uma corporeidade idealizada tornou-se onipresente.

Enquanto no passado a imagem do corpo deficiente era confrontada no máximo com as imagens corporais da própria família, na sociedade contemporânea o corpo dissonante é levado a, todo o tempo, confrontar-se com o mundo, mesmo que opte por uma vida circunscrita ao ambiente doméstico e familiar. No entanto, a dimensão mais significativa da mensuração da própria limitação corporal não se dá mediante o confronto com o corpo do outro, mesmo quando belo e apresentado como elemento de referência estética e cultural. As falas de pessoas que se tornam deficientes já adultas indicam que a referência mais significativa do corpo adulto tornado deficiente é a própria corporeidade anterior à causa que determinou a limitação física. Tal qual um narciso diante da imagem alterada de si, os corpos dissonantes comparam-se a si próprios e buscam, através da ciência ou do divino, o retorno à corporeidade anterior.

## Referências

BAVCAR, E. O corpo, espelho partido da história. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 175-190.

BRAUNSTEIN, F.; PÉPIN J. F. *O lugar do corpo na cultura ocidental*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

CODO, W.; SENNE, W. G. *O que é corpo(latria)?* Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

COURTINE, J. J. Os Stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

COUTO, E. S. *O homem satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica*. Ijuí: Unijuí, 2000.

FONTES, M. *Corpos canônicos e corpos dissonantes: o corpo feminino deficiente em oposição aos padrões corporais idealizados vigentes nos meios de comunicação de massa*. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. Salvador: UFBa, 2004.

\_\_\_\_\_. *Corpo deficiente: o estrangeiro e os simulacros midiáticos*. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.) et al. *Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas II*. Salvador: Edufba, 2000. v. 2, p. 159-182.

\_\_\_\_\_. *Mídia, medicina e ciência: uma análise dos processos de afirmação do corpo ideal e de rejeição do corpo imperfeito*. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.) et al. *Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas 3*. Salvador: Edufba, 2001. v. 3, p. 119-138.

\_\_\_\_\_. *O culto ao corpo e a tirania dos juizes da estética*. *A Tarde*, Salvador, 8 fev. 2004b. Revista da TV, p. 2.

\_\_\_\_\_. *Um outro corpo em cena: a deficiência física sob a lógica do espetáculo*. 1999. dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. Salvador: UFBa, 1999. 119 p.

FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GOLDENBERG, M. (Org.) *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOFFMAN, E. *A construção social do eu*. Petrópolis: Vozes, 1988a.

\_\_\_\_\_. *E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988b.

HOBBSBAWN, E. *Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução Miguel S. Pereira ; Ana L. Faria. Lisboa: Relógio d'Água, 1983.

NOVAES, A. (org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PINHEIRO, D. *Brasil, império do bisturi*. *Veja*, São Paulo, ano 34, n. 2, p. 84-89, jan 2001

OYAMA, T. *Antes & depois: retoques finais*. *Veja*, São Paulo, ano 34, n. 2, p. 90-94. jan 2001.

QUEIROZ, R. da S. (Org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Senac, 2000.

SFEZ, L. *A saúde perfeita*. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000a.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

SIMONDON, G. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 2001.

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo tem como base a tese de doutorado da autora: FONTES, M. *Corpos canônicos e corpos dissonantes: o corpo feminino deficiente em oposição aos padrões corporais idealizados vigentes nos meios de comunicação de massa*. 2004.

<sup>2</sup> Fenômeno que consiste na (re)construção das formas corporais mediante a prática de atividades físicas intensas, ingestão de suplementos alimentares especiais e exibição da musculatura inflada graças a essas práticas. O fenômeno se difundiu de modo significativo nos anos 80, com o sucesso de filmes estrelados por Arnold Shwazenegger e Sylvester Stallone.

<sup>3</sup> Eric Hobsbawn considera o século XX como o "século breve". Seu início não teria se dado em 1901, mas em 1914, com a Primeira Guerra Mundial. Seu fim não teria ocorrido em 2000, mas em 1989, com a queda do Muro de Berlim. Esses dois fatos históricos teriam sido os marcos de começo e fim, respectivamente, do século XX.

<sup>4</sup> Expressão usada por Codo e Senne (1995). Para os autores, os cuidados com o corpo adquirem uma conotação que beira o religioso e se articulam à alienação e ao narcisismo.

<sup>5</sup> Profissional que monta e orienta um programa de atividades físicas específico para um indivíduo tendo em vista uma meta pré-determinada. Trata-se de um atendimento individual, mesmo que seja realizado em uma academia.

